

45^{as} Jornadas Internacionais da FICPM

Para um comportamento razoável face aos bens materiais no seio do matrimónio e da família

Malinska, Krk de 28 de Abril a 1 de Maio de 2011

O aspecto teológico do comportamento razoável face aos bens materiais no seio do matrimónio e da família

dr. sc. Dario Tokić, carmelita

„ Pois, onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração.”
Jesus

Introdução

Frequentemente, os esposos verificam que as questões de dinheiro são uma das principais causas de discussão entre o casal. O comportamento razoável face aos bens materiais no seio do matrimónio e da família é um comportamento que não destrói, mas edifica e assegura a comunidade no seio do matrimónio e da família do ponto de vista material.

O aspecto teológico define e sustenta este comportamento razoável ao fundá-lo sobre factos baseados na Revelação cristã: a Sagrada Escritura e o magistério da Igreja. Dado não ser costume misturar razão e dinheiro, convém primeiro entender por que é necessário interessar-se pela relação com os bens materiais do ponto de vista teológico. Para um cristão, as razões são de natureza espiritual e de ordem prática.

Em primeiro lugar, a nossa relação com o dinheiro tem, sem dúvida, uma grande incidência na nossa relação com Deus. Talvez não tenhamos disso consciência, mas Jesus fez-nos tomar consciência de que o principal inimigo do primado de Deus na nossa vida é precisamente o dinheiro:

*„Ninguém pode servir a dois senhores : ou odiará um e amará o outro, ou será fiel a um e desprezará o outro :
Não se pode servir a Deus e ao dinheiro “*

Mateus 6,24

O dinheiro é apenas um meio de troca de bens e serviços, mas quando este meio se torna um fim em si mesmo, então o dinheiro torna-se o maior bem na nossa vida e toma então o lugar que pertence somente a Deus, o único Bem verdadeiro para o homem. Esta desordem no topo da escala de valores repercute-se evidentemente em todo o sistema da nossa vida:

“Nem os indivíduos nem as nações devem considerar a posse de cada vez mais bens como último objectivo. O progresso, qualquer que ele seja, é uma espada de dois gumes. O progresso é necessário na medida em que permite ao homem crescer como ser humano e, contudo, pode também escravizá-lo, se ele chegar a considerá-lo como o bem supremo e não puder ver mais para além dele. Quando isto acontece, os homens endurecem o seu coração, excluem os outros do seu espírito e agem apenas por razões de interesse pessoal, mais do que por amizade; as desavenças e a discórdia surgem em seguida”¹

¹ PAULO VI, *Populorum progressio*, n. 19

Por conseguinte, os bens materiais não são um fim em si, mas unicamente um meio para atingir o verdadeiro fim, sabendo que o fim é o Senhor que quer que tenhamos a vida, e a vida em abundância (ver João 10,10). As pessoas tomam consciência disto quando a morte se aproxima; a verdadeira sabedoria é tomar isto em conta imediatamente. É por isso que é bom tomar regularmente consciência de que o homem não existe em função do dinheiro, mas sim o dinheiro que existe em função do homem, e quais são os verdadeiros valores pelos quais vale a pena viver.

“Com o dinheiro pode-se :
Comprar uma cama mas não um sonho ;
Livros mas não a sabedoria;
Uma refeição mas não o apetite;
Uma casa mas não um lar;
Medicamentos mas não a saúde;
o prazer mas não a felicidade.”²

„Porque o reino de Deus não é questão de comida ou bebida; é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e é estimado pelos homens.“

Romanos 14,17-18

Em segundo lugar, a razão de ordem prática é a seguinte: a utilização dos bens materiais acarreta frequentemente um grande *stress*. Se aplicarmos o que a Igreja ensina sobre a maneira de usar estes bens, este *stress* pode tornar-se muito menos importante. Se escutarmos a palavra d’Aquele que nos ama e que tudo sabe, a nossa vida será mais fácil. Jesus fala desta experiência quando nos convida a construir a nossa casa, o nosso matrimónio e a nossa família sobre a sua palavra. A nossa casa fica então fundada sobre uma boa base que pode ultrapassar as piores provações da vida (ver Mateus 7, 24-27).

1. O Senhor Deus é o proprietário – nós somos os administradores

« A Yahvé a terra e a sua plenitude, o mundo e tudo o que o povoa ».

Salmos 24,1

Durante os meus estudos em Roma, encontrava todos os dias numerosos mendigos que pediam ou exigiam que lhes desse qualquer coisa. Dado que a generosidade de muitas pessoas me proporcionava um apoio financeiro, trazia sempre comigo algum dinheiro de forma que me sentia inclinado a ajudar essas pessoas. Chegava a haver umas trinta ao longo do dia. Como devem adivinhar, o pouco dinheiro que eu tinha não duraria mais de uma semana se o desse a todos os que me pediam, e poderia então fazer as malas e voltar ao ponto de partida sem nada ter feito. Uma ideia salvadora atravessou-me o espírito: “Espera, Dario, o que é que estás a imaginar? Será que o dinheiro que tens no bolso te pertence? É o dinheiro das pessoas que to deram que esperam qualquer coisa de ti. Não se trata do teu dinheiro, mesmo se agora está no teu bolso. Com este dinheiro, debes terminar o trabalho que te foi confiado. Este dinheiro não te pertence e não podes gastá-lo como te apetecer”. Quando percebi que não era o proprietário

² Ver H. DAYTON, *I tvoj novac vrijedi (O seu dinheiro conta)*, Koprivnica, 2008, p. 169.

dos bens confiados, isto simplificou grandemente a minha vida e permitiu-me gastar de uma maneira justa e apropriada.

O mesmo se passa com todos os bens na nossa vida. Deus confiou-os a nós com a finalidade de cumprir uma missão, e não de fazer deles o que nos agrada:

Yahvé Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para o cultivar e guardar.

Gênesis 2,15

Nós somos, por consequência, colaboradores de Deus e guardiães dos bens de Deus, e não os seus proprietários.

A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence e vós sois para mim apenas estrangeiros e hóspedes.

Levítico 25,23

Como, então, entender o termo contemporâneo de propriedade privada do homem na sua relação com a propriedade completa de Deus?

A resposta a esta pergunta aliviar-nos-á a consciência porque a propriedade privada do homem pode ser considerada segundo três níveis:³

a) *o fundamento antropológico* – a Bíblia diz que a cada homem, à “imagem de Deus” foi de modo geral confiado o dever de governar a terra;

b) *dimensão ética* – a Igreja diz que Deus confia ao homem o cuidado de velar pelos seus bens terrestres que o homem pode utilizar para as suas necessidades, a fim de se realizar o melhor possível, mas também para que ele estabeleça laços com os outros e com Deus. É por isso que se fala do papel genérico dos bens materiais e do imperativo de solidariedade:

“O pão que guardas para ti pertence ao que tem fome, o vestuário do teu guarda-roupa pertence ao que está nu; os sapatos que apodrecem na tua casa são do que caminha descalço, o dinheiro que enterraste no chão pertence ao que passa necessidades. Há tantas pessoas com quem és injusto e tantas que terias podido ajudar.”⁴

„Se alguém possui bens deste mundo e, vendo o seu irmão em necessidade, lhe fecha o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?“

1 João 3,17

c) *organização social e jurídica* – o Estado, através das suas leis, organiza a) e b). O termo “propriedade” não deve ser entendido como um direito absoluto sobre a propriedade, porque só Deus é senhor absoluto de todas as coisas, mas deve ser entendido como uma organização concreta de bens concretos distribuídos aos homens ou a grupos concretos, sabendo que o fundamento antropológico e a dimensão ética mencionados acima têm sempre lugar quanto ao direito adquirido sobre a propriedade privada.⁵

³ Ver M. VIDAL, *Kršćanska etika* (Ética cristã), Đakovo 2001, pp. 433-434.

⁴ BASÍLIO O GRANDE, *Govori* (Discursos) in: S. Balaban, *Etičnost i socijalnost na kušnji*, (Preocupações éticas e sociais desafiadas), Zagreb 1997, p. 43.

⁵ “Os termos comuns “meu, vosso, seu, nosso, deles” exprimem uma ideia de propriedade que denota a possibilidade de dispor livremente dos bens para uso próprio, sem medo de ser incomodado. Desta forma o elo com a serventia dos bens pode ser estabelecido, sem medo de ser incomodado.” M. BIŠKUP, “Privatno vlasništvo i opće dobro” (Comunidade privada e bem público), *Boletim Bogoslovska smotra* 62 (1992) 1-2, 93

Pode-se dizer isto por palavras mais simples? O Senhor Deus é o dono de tudo e quer (o plano de Deus) que cada homem, feito à sua imagem, a do seu Criador, se desenvolva de maneira harmoniosa. Neste sentido, confia-nos (leis) uma parte da sua propriedade a fim de que nós, seus administradores, exerçamos o nosso poder (administração).

O facto de não sermos os verdadeiros proprietários, mas “somente” administradores dos seus bens materiais pode trazer paz e alívio á nossa alma e à nossa família e isso significa menos *stress* e maior felicidade? Sem dúvida alguma.

Em primeiro lugar, por causa das nossas ilusões. Quando estamos na posição do proprietário, colocamos normalmente sobre nós uma grande pressão, devido às grandes expectativas e responsabilidades. E, por causa desta pressão demasiada, as pessoas perdem a cabeça, perdem-se a si mesmas e perdem as suas famílias. Como exemplo edificante, podemos reportar-nos a um episódio da vida do bem-aventurado João XXIII.

Certo dia, um novo bispo queixava-se na audiência privada com o Papa que o seu cargo lhe causava insónias. João XXIII respondeu-lhe calmamente : “aconteceu-me a mesma coisa nas primeiras semanas do meu pontificado, porém, um anjo da guarda apareceu-me num sonho e segredou-me : “ João, não te leves demasiado a sério”. Desde então passei a ter um sono sereno.”⁶

Em segundo lugar, a paz vem do facto de não sermos os administradores de uma pessoa qualquer, mas de Deus. O Senhor Deus:

- (a) é soberano – *ninguém pode fugir da Sua mão* (Tobias 13,2),
- (b) é todo-poderoso – *Yahvé faz tudo o que deseja no céu e na terra* (Salmo 135,6)
- (c) sabe tudo – *o meu Deus, por sua vez, atenderá com grandeza a todas as vossas necessidades, conforme a Sua riqueza, em Cristo Jesus* (Filipenses 4,19)
- (d) ama-nos - *Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus mas foi Ele que nos amou e nos enviou o Seu Filho como vítima expiatória pelos nossos pecados* (1 João 4,10)

É daqui que provém o sentimento de paz e de segurança, porque Deus controla a situação. Esta situação da nossa vida é controlada pelo soberano, o todo-poderoso e que nos ama. Ele não pode, pois, ser surpreendido pela crise mundial, a queda das cotações da bolsa, nem a perda do nosso emprego, nem... Ele controla tudo isso e transforma cada coisa a nosso favor:

Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu projecto ... Se Deus está a nosso favor, quem estará contra nós ?

Romanos 8,28.31

Deus é o proprietário de tudo e nunca cedeu ao homem esse direito de propriedade sobre tudo o que Ele criou. Quanto mais rapidamente rompermos o elo afectivo com as coisas que utilizamos, mais rapidamente ficaremos livres para a administração. Porque cada elo, mesmo o mais pequeno, limita o homem nas suas tomadas de decisão livres e razoáveis. São João da Cruz representa esta situação pela imagem de uma ave amarrada:

⁶ <http://www.zupa-ivan23.hr/Anegdote1.html> (11.2.2011)

“Pouco importa se a ave está amarrada com um fio fino ou grosso. Não poderá voar, porque está amarrada. Certamente que é mais fácil cortar o fio fino mas, se a ave não o puder cortar, não voará.”⁷

Será que estais prontos para o voto de abandono : abandonar os vossos bens que considerais como propriedade vossa ao seu verdadeiro proprietário e colocar-vos no papel de administradores?

2. As nossas responsabilidades como administradores

2.1. Rezar para ser fiel na administração

Ora, o que se espera dos administradores, é que sejam dignos de confiança.

1 Coríntios 4,2

Existem vulgarmente três tipos de relação entre as pessoas e os bens materiais. As suas especificidades podem ser apresentadas nas tabelas seguintes :⁸

| | <i>Espiritualismo</i> | <i>Materialismo</i> | <i>Administração</i> |
|--------------------------------|-----------------------|---------------------------------|---|
| A propriedade é... | um mal | um direito meu | uma responsabilidade |
| Eu trabalho para... | sobreviver | enriquecer | servir a Deus |
| Os verdadeiros cristãos são... | pobres | ricos | fiéis |
| Deus não gosta ... | da riqueza | da pobreza | da infidelidade |
| Eu dou... | porque devo | para receber em troca | porque amo a Deus |
| Eu gasto... | a medo e sem alegria | espontaneamente sem „filosofar“ | com responsabilidade e depois de ter rezado |

A ideia de administração implica uma relação de confiança e de fidelidade para com Deus. Só se pode abandonar a Deus aquele que n’Ele confia. Para os cristãos, não é pois suficiente estar inscrito no registo dos baptizados, é necessário ser um crente praticante. Por crente praticante, não estamos aqui a pensar no aspecto formal, isto é, cumprir as obrigações da sua religião, mas numa procura activa dos caminhos de Deus na nossa vida, mesmo quando se trata de dinheiro e dos outros bens materiais que estão à nossa disposição:

„Em primeiro lugar buscai o Reino de Deus e a Sua justiça, e Deus vos dará, em acréscimo, todas essas coisas.“

Mateus 6,33

Por isso, para que o cristão seja verdadeiramente um crente, é indispensável que cultive os seus desejos para estarem em harmonia com a vontade d’Aquele que é o verdadeiro proprietário dos nossos bens. Um meio para lá chegar é a oração. É preciso educar-se a si mesmo, bem como aos seus filhos, para a oração. Não há fidelidade a Deus sem oração. A oração também engloba, evidentemente, a administração dos bens materiais:

⁷ I *Uspón* (Ascension) 11:4.

⁸ Ver H. DAYTON, *I tvoj novac vrijedi*, Koprivnica 2008, p. 173.

„Quem é fiel nas pequenas coisas, também é fiel nas grandes; e quem é injusto nas pequenas, também é injusto nas grandes. Por isso, se não sois fiéis no uso do dinheiro injusto, quem vos confiará o verdadeiro bem? “

Lucas 16,10-11

2.2. Trabalhar para ser fiel na administração

Quem não quer trabalhar, também não coma..

2 Tessalonicenses 3,10

Se a ausência de trabalho é possível e desejável nas duas primeiras relações com respeito aos bens materiais – por exemplo „Por mais pequeno que seja o salário que me possam dar, posso trabalhar ainda menos“ ou então: „Só os imbecis trabalham“ – no contexto da administração, o trabalho é indispensável. Não como um bem necessário, mas como um meio que humaniza. É por isso que nos devemos educar a nós próprios e aos nossos filhos para amar o trabalho.

O trabalho é a forma mais honesta de prover às nossas necessidades: “trabalharás durante seis dias” (Êxodo 34,21). Jesus não tinha vergonha de trabalhar: “Meu Pai trabalha continuamente e Eu também trabalho” (João 5,17). Deus criou o trabalho para nosso bem, porque o trabalho não é um mal, mas pertence ao paraíso terrestre: “Yahvé Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para o cultivar e guardar” (Gênesis 2,15).

“O trabalho humano... é superior aos outros meios da vida económica, na medida em que estes últimos não são senão ferramentas... Pelo seu trabalho um homem sustenta a sua família, tem uma vida social e está ao serviço dos homens, pode exercer a verdadeira caridade e participar da perfeição da criação divina. Com efeito, sabemos que o trabalho foi oferecido ao homem em associação com a obra redentora de Jesus Cristo, que deu uma eminente dignidade ao trabalho quando, em Nazaré, viveu à custa do trabalho das Suas mãos. Daqui decorre o dever de cada homem trabalhar com seriedade, bem como o seu direito ao trabalho.”⁹

O trabalho desenvolve o carácter da pessoa: „Mão trabalhadora mandará; mão preguiçosa servirá.“ (Provérbios 12,24). Enquanto cristãos, somos chamados a trabalhar para Cristo: “Tudo o que fizerdes, fazei-o de coração, como quem obedece ao Senhor, e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor a herança como recompensa. O Senhor a quem servis, é Cristo.” (Colossenses, 3,23-24), porque sabemos que é o critério segundo o qual a nossa vida sobre a terra será julgada: “todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a Mim que o fizestes” (Mateus 25,40).

Mas não se deve exagerar no trabalho: “Trabalha seis dias, mas descansa no sétimo, tanto na época da lavra como durante a ceifa” (Êxodo 34,21).

„O conjunto dos processos do trabalho produtivo, portanto, deve ser adaptado às necessidades da pessoa e ao seu modo de vida, sobretudo à sua vida interior, em particular no que diz respeito às mães de família, tendo sempre em conta o sexo e a idade. Convém permitir a todos os trabalhadores desenvolverem as próprias capacidades e as suas personalidades através da execução do seu trabalho. Aplicando o seu tempo e a sua força ao trabalho com um sentido de responsabilidade, todos devem igualmente beneficiar de um repouso suficiente e de tempo livre para a sua vida familiar, cultural, social e religiosa.”¹⁰

⁹ CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et spes*, n. 67

¹⁰ Ibid.

A razão é muito simples : se um homem é consumido pelo trabalho, como poderá servir a Deus? Quando o trabalho “esmaga” o homem, isto não prejudica apenas a sua própria saúde mas leva-o mais facilmente a discutir e a negligenciar ou deteriorar as relações positivas com os seus entes queridos. É por isso que é necessário educar-se a si próprio e aos seus filhos a fim de serem assíduos e trabalhadores, mas também a fim de encontrar espaços de repouso no ritmo diário, semanal, mensal e anual das suas actividades.

2.3. Pedir conselho para ser fiel na administração

O tolo fica satisfeito com a sua conduta, mas o sábio obedece aos conselhos.

Provérbios 12,15

Antes de tomar uma decisão importante, é sábio pedir conselho: “Escuta o conselho, aceita a correcção, e chegarás a ser sábio” (Provérbios 19,20). Podemos encontrar conselhos em muitos sítios, mas os melhores serão dados por aqueles que verdadeiramente nos amam.

a) **O Senhor Deus** : „A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que uma espada de dois gumes... ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos“ (Hebreus 4,12). A oração quotidiana com a Bíblia é um bom meio para tomar boas decisões : „Toda a Escritura é inspirada por Deus, e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda a boa obra.“ (2 Timóteo 3,16-17). É posta a tónica na leitura *em oração* da Sagrada Escritura :

“E que eles se recordem de que a oração deve acompanhar a leitura da Sagrada Escritura, de modo que Deus e o homem possam falar juntos, porque "nós falamos-Lhe quando rezamos; nós escutamo-l’O quando lemos os oráculos divino .”¹¹

A leitura em oração da Sagrada Escritura ajuda o homem a reforçar a sua própria subjectividade, a sua própria dignidade e soberania, assim como a subjectividade e a soberania da sua própria família relativamente aos bens materiais:

“Na oração, «eu» percepciono mais facilmente a profundidade do que significa ser uma pessoa. Isto é igualmente verdadeiro para a família, que não é somente a «célula» de base da sociedade, mas possui também uma fisionomia própria.”¹²

É por isso que a oração – em particular com a Sagrada Escritura – é importante, para que não nos transformemos em máquinas de sobrevivência, mas para que possamos – qualquer que seja a nossa situação económica – construir a nossa própria humanidade bem como a civilização do amor no meio de nós.

b) **O/a cônjuge** : „Yahvé Deus disse : não é bom que o homem esteja só. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe seja semelhante.“ (Génese 2,18). A complementaridade dos cônjuges não é uma especificidade fortuita da personalidade humana. Quando criou o homem, Deus criou-o precisamente em busca da complementaridade : „Deus criou o homem à Sua imagem... homem e mulher Ele os criou“ (Génese 1,27). Nem o homem está completo sem a mulher, nem a mulher está verdadeiramente completa sem o homem. A isto, é preciso

¹¹ CONCÍLIO VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 25, citação de Santo Agostinho.

¹² JOÃO PAULO II, *Pismo obiteljima* (Carta às famílias) Gratissimam Sane, n. 4.

acrescentar o valor do sacramento do matrimónio, que liga os cônjuges e os mantém juntos pela força de Deus :

„Na bênção nupcial solene no decurso da cerimónia do casamento, o celebrante suplica ao Senhor nestes termos: “Faz descer sobre eles a graça do Espírito Santo a fim de que, pelo Teu amor derramado nos seus corações, eles permaneçam fiéis à aliança do matrimónio”. Esta “visitação” do Espírito Santo está na origem da força interior das famílias, assim como do poder capaz de os unir no amor e na verdade.”¹³

Pedir conselho ao seu cônjuge é precisamente o acto pelo qual se permite ao Espírito Santo agir, a fim de resolver os nossos problemas e reforçar o nosso matrimónio e a nossa família no amor e na verdade.

c) **Os pais** : „Meu filho, guarda os preceitos de teu pai, e não desprezes o ensinamento de tua mãe “ (Provérbios 6,20). Deus é experiente e ajuda-nos, mas muitas vezes a Sua palavra não é tão clara como gostaríamos que fosse. Os pais, de uma maneira geral, são uma fonte acessível de experiência e de amor, a combinação do conselheiro ideal. Já passaram por situações que nós vivemos hoje e deram-nos, por assim dizer, toda a sua vida.

“É significativo que o quarto mandamento seja colocado num contexto particular. ”Honra teu pai e tua mãe”, porque, para vós, eles são, num certo sentido, representantes do Senhor; foram eles que vos deram a vida, que vos apresentaram à existência humana numa linhagem particular, a nação e a cultura. Depois de Deus, eles são os vossos primeiros benfeitores. Com efeito, apesar de que só Deus é bom, os pais participam por si mesmos, de um modo especial, desta bondade suprema.”¹⁴

O que será dos que pensam que pedir conselho é um sinal de fraqueza? Aqui, vê-se bem que o princípio da complementaridade – o conselho é uma forma de complementaridade – é uma marca de Deus, porque Deus criou o homem à sua imagem. Isto não significa que se deva aceitar sempre o conselho de outro – resta-vos sempre a liberdade de tomardes por vós mesmos as vossas decisões – mas é certo que a vossa decisão será melhor se for baseada em numerosas informações, sobretudo da parte daqueles que vos amam. Compete a nós, evidentemente, ver de que forma os seus conselhos podem ser adaptados às situações concretas da nossa vida, mas o seu amor e a sua bondade libertam-nos da luta contra os falsos conselhos.

É precisamente para evitar o falso conselho, isto é, o conselho que não é dado por amor mas sim por interesse, que é preciso evitar pessoas como os videntes, médium, espíritas e outros ditos amigos e outros “conselheiros”, cuja paga não é forçosamente apenas o dinheiro, mas também uma certa satisfação proveniente destas manipulações psicológicas.

2.4. Evitar o endividamento para ser fiel na administração

Não fiquéis a dever nada a ninguém, a não ser o amor mútuo.

Romanos 13,8

Mesmo se não existe interdição clara quanto às dívidas na Bíblia, de uma maneira geral, consideram-se as dívidas como uma forma de escravatura: “O rico domina os pobres, e

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid, no. 15

o devedor é escravo do credor” (Provérbios 22,7). Quando se têm dívidas, não se tem a liberdade plena para dispor dos bens, porque é preciso pagar as dívidas – antes ou depois, não importa.

Os antigos israelitas consideravam o facto de se estar endividado como uma maldição quando o homem não escuta Deus: “Contudo, se não obedeceres a Yahvé teu Deus... O imigrante que vive no meio de ti elevar-se-á cada vez mais alto às tuas custas... Ele poderá emprestar-te e tu nada lhe poderás emprestar...” (Deuteronómio 28,15.43-44). Pelo contrário, ser obediente a Deus trazia como recompensa o saldar das dívidas: “Ora, se obedeceres verdadeiramente à voz de Yahvé teu Deus... Todas estas bênçãos virão sobre ti e te atingirão... Anexarás nações numerosas e não serás anexado” (Deuteronómio 1-2.12).

Apesar de tudo, as dívidas podem-se justificar, na condição de que não se trate de um consumo insensato, mas de um investimento reflectido, que gerará um valor superior ao da dívida:

„ Assim, a disponibilidade do capital e o facto de o aceitar como um empréstimo, pode ser considerado como uma contribuição para o desenvolvimento, algo desejável e legítimo em si mesmo.”¹⁵

Por investimento reflectido, entende-se aqui todo o investimento que seja verdadeiramente possível realizar, cuja dívida possa ser reembolsada e cujo lucro reverta a nosso favor. Saber se é razoável ou não endividar-se requer aconselhamento mas, de uma maneira geral, os crentes mencionam três coisas que convém evitar:

Não peças aquilo de que não necessitas.
Não assines garantias.
Não aceites créditos a longo prazo.¹⁶

2.5. Dar para ser fiel

Há mais felicidade em dar do que em receber.

Actos 20,35

Podemos comprovar esta palavra de Jesus contida nos Actos dos Apóstolos pela nossa própria experiência. Com efeito, muitos de entre nós preferem dar a sua ajuda do que pedi-la. O dar edifica-nos na nobreza e na generosidade. Mas somente na condição de ser feito na alegria e na liberdade; “Cada um dê conforme decidir em seu coração, sem pena ou constrangimento, porque Deus ama quem dá com alegria” (2 Coríntios 9,7). O mais importante no dar é a maneira como se dá: “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos... se não tivesse amor, nada disso me adiantaria” (1 Coríntios 13,3).

O dar pode também ser uma forma de penitência, ou seja, um sinal do trabalho da nossa permanente conversão – com a oração e o jejum (CIC 1434). Pode ser também uma forma concreta do reconhecimento do reino de Deus sobre a propriedade do homem:

Todos os dízimos do campo, quer sejam produto da terra, quer sejam fruto das árvores, pertencem a Yahvé: é coisa consagrada a Yahvé .

Levítico 27,30

¹⁵ JOÃO PAULO II, *Sollicitudo rei socialis*, n. 19

¹⁶ L. BURKETT, *Business by the Book: Biblical Principles for the Workplace*, Zagreb, 2010, p. 255.

Mesmo se hoje em dia já não existe o dízimo, as nossas ofertas podem ser reactualizadas como um acto de fé na propriedade absoluta de Deus. É verdade que o testemunho da Igreja no que respeita aos bens materiais desempenha também um papel mais geral:

„Ao utilizá-las, portanto, o homem deve considerar as coisas exteriores que possui legitimamente, não somente como suas, mas também como sendo comuns, no sentido em que deveriam estar também disponíveis para os outros.”¹⁷

Mas isto não significa que se deva ser insensato na oferta. Para uma administração razoável dos bens materiais, a Igreja propõe a seguinte directiva:

“Certamente, ninguém é obrigado a distribuir aos outros o que faz falta para as suas necessidades e da sua família, nem mesmo a dar o que é necessário para manter decentemente o seu nível de vida, “porque ninguém deve viver sem ser decentemente. “(13) Mas, quando tiver acumulado o que lhe era necessário de acordo com a sua consciência, torna-se um dever dar ao indigente o que lhe sobeja. “O que te sobra, dá-o em esmola.”¹⁸

A este respeito, não é de mais sublinhar que nem todas as necessidades são equivalentes:

“Há uma escala de valores e de urgência de necessidades. Distinguimos: 1) as necessidades de base para uma vida digna e alguma segurança; 2) as necessidades tendo em vista o que os outros já possuem; 3) o desejo de coisas de que as pessoas julgam ter necessidade... As necessidades do ponto um deverão ser uma prioridade absoluta, tanto na produção como na distribuição.”¹⁹

Um exemplo de dádiva foi-nos dado pelo Senhor Deus de modo excepcional na plenitude dos tempos: “Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho único” (João 3,16). E, de modo regular, no dia a dia: “Sede pois perfeitos, como o vosso Pai que está no céu é perfeito... Porque Ele faz nascer o Sol sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos. (ver Mateus 5,45.48).

Assim, a dádiva, para além da sua utilidade social, ajuda quem a dá a assemelhar-se cada vez mais Àquele que nos criou à sua imagem, a tornar-se numa pessoa mais autêntica, o que é uma condição necessária para aceder à felicidade.

2.6. Poupar para ser fiel

Na casa do sábio há tesouros e perfumes, enquanto o insensato gasta tudo o que tem.

Provérbios 21,20

A poupança é o oposto do endividamento. O endividamento compromete com arrogância o futuro, enquanto que a poupança o prepara. O exemplo mais conhecido dos poupadores é, sem dúvida, José, que foi vendido pelos seus irmãos no Egipto e que, graças à sua estratégia de poupança durante os sete anos de abundância, salvou o Egipto da recessão que o esperava (Génesis 41,34-36). Como se tivesse escutado o papa João XXIII:

¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et spes*, n. 69

¹⁸ LEÃO XIII, *Rerum novarum*, n. 22

¹⁹ B. HÄRING, *Kristov zakon – slobodni u Kristu (The Law of Christ)*, III, Zagreb 1986, pp. 404-405.

“Um trabalhador capaz e honesto não deve gastar todo o seu salário; pelo contrário, põe uma parte deste de lado e poupa. O objectivo de poupar dinheiro é melhorar a sua situação económica, caso contrário, é inútil.”²⁰

A poupança significa renunciar a qualquer coisa hoje a fim de poder oferecer-se qualquer coisa amanhã. Ela ensina-nos a humildade e a planificação, mas não é fácil, pois sabemos que a renúncia é impopular.

É um erro poupar para acumular bens, porque se perde de vista o verdadeiro objectivo dos bens materiais:

„A terra de um homem rico deu uma grande colheita. E o homem pensou: “Que vou fazer? Não tenho onde guardar a minha colheita.” Então resolveu : “Já sei o que devo fazer! Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores; e neles vou guardar todo o meu trigo, juntamente com os meus bens. Então poderei direi a mim mesmo: Possuis um bom depósito, uma reserva para muitos anos; descansa, come e bebe, alegra-te!” Mas Deus disse-lhe : “Louco! Nesta mesma noite vais ter que devolver a tua vida. E as coisas que preparaste, para quem vão ficar ?” Assim acontece com quem junta tesouros para si mesmo mas não é rico diante de Deus.“

Lucas 12,16-21

Em jeito de conclusão – o exame de consciência

- Quereis, na vossa vida, enriquecer ou desenvolver uma relação mais profunda com Deus?
- A vossa vida de oração está activa ou extinta?
- Discutis com o vosso cônjuge por causa do dinheiro ou estais de acordo sobre este assunto ?
- Gastais acima das vossas posses ou remediais-vos com o que tendes ?
- Conseguis pagar as despesas dos vossos cartões de crédito ou as vossas dívidas aumentam a cada mês que passa?
- Fazeis donativos do vosso dinheiro extra ou do vosso orçamento a favor de obras humanitárias ?
- Tendes planos de poupança para as necessidades futuras ou gastais tudo o que ganhais por mês?
- Como é que a vossa vida quotidiana influencia a que vos espera na eternidade ?

²⁰

JOÃO XXIII, *Mater et magistra*, n. 112

Bibliografija :

Jeruzalemska Biblija, Kršćanska sadašnjost, Zagreb 1994. (Bíblia de Jerusalém)

Stjepan BALOBAN, *Etičnost i socijalnost na kušnji*, Kršćanska sadašnjost, Zagreb 1997. (Ética e sociabilidade dos ensaios)

Biblija o novcu, skripta Crown Financial Ministries, u Hrvatskoj izdali Kristofori, bez mjesta i godine izdanja. (A Bíblia sobre o dinheiro)

Marijan BIŠKUP, „Privatno vlasništvo i opće dobro“, *Bogoslovska smotra* 62 (1992.) 1-2, 93-104. (A propriedade privada e o bem público)

Larry BURKETT, *Business i Biblija*, Kristofori, Zagreb 2010. (Negócios e a Bíblia)

Howard DAYTON, *I tvoj novac vrijedi*, Kristofori, Koprivnica 2008. (E o seu dinheiro vale a pena)

DRUGI VATIKANSKI SABOR, *Dokumenti*, Kršćanska sadašnjost, Zagreb 2008. (Documentos)

Zrinka GREGOV, „Biblijski pristup radu i novcu u obitelji“, radionica na 38. obiteljskoj ljetnoj školi, Zagreb 2009. (Abordagem bíblica para o trabalho e o dinheiro na família).

Bernard HÄRING, *Kristov zakon*, III, Kršćanska sadašnjost, Zagreb 1986. (A lei de Cristo)

Katekizam Katoličke Crkve, HBK, Zagreb 1994. (Catecismo da Igreja Católica)

Phil LENAHAN, *Upravljanje novcem za katolike: sedam koraka do financijske slobode*, Verbum, Split 2009. (A gestão do dinheiro para os católicos : Sete passos para a liberdade financeira)

Sto godina katoličkoga socijalnog nauka, Kršćanska sadašnjost, Zagreb 1991. (Cem anos de doutrina social da Igreja)

Petar ŠOLIĆ, „Privatno vlasništvo i opće dobro“ (A propriedade privada e o bem público), *Crkva u svijetu* 27 (1992) 1-2, 7-26. (Igreja no mundo)

Marciano VIDAL, *Kršćanska etika*, Karitativni fond UPT, Đakovo 2001. (Ética cristã)